

Pediatria

Vacina para as crianças
entre os cinco e os 11 anos
"é segura" mas será útil?

Ana Maia

Com o aval positivo da Agência Europeia de Medicamentos [EMA] à vacina pediátrica, aguarda-se a decisão por parte da Direcção-Geral da Saúde (DGS) sobre o que vai Portugal fazer. A segurança da vacina não está em causa, afirmam os especialistas. A questão são os ganhos que a vacinação pode trazer às crianças entre os cinco e os 11 anos quando a evidência que existe aponta que nestas faixas etárias a doença grave é rara.

"O facto de existir esta divisão de opiniões já é esclarecedor. Existem poucos dados. O único estudo que existe é da Pfizer. É um estudo de eficácia da vacina em que entraram cerca de 2000 crianças, quando os estudos dos adultos tiveram 30 mil pessoas, é difícil tirar conclusões", diz ao PÚBLICO o investigador do Instituto de Medicina Molecular, Miguel Castanho. "Adoeceram poucas crianças, embora tenham adoecido mais não vacinados. Mas os números são muito pequenos e comparar números muito pequenos é difícil, porque não sabemos o papel do acaso", diz.

"Não estamos a falar de segurança das vacinas, mas da eficácia", salienta, referindo que um dos problemas do estudo é não se saber exactamente o tipo de doença que as crianças que se infectaram, vacinadas ou não, tiveram – se ligeira ou grave – e os sintomas. O investigador afirma não existirem dúvidas da eficácia das vacinas em relação à doença grave e morte, "mas não são totalmente eficazes para a doença ligeira e moderada". "As crianças quase só sofrem

doença ligeira e moderada."

É perante este cenário que fala de "duas correntes de opinião". "Uma delas – e revejo-me mais aqui – é que se não temos a certeza que é útil, que as crianças precisam, não se faz até que se demonstre a sua utilidade. A outra diz que se é seguro e para a comunidade traz algum acréscimo de protecção, então vacine-se".

"Do meu ponto de vista, num país como Portugal em que os adultos se vacinaram, não precisamos de colocar o ónus nas crianças de uma responsabilidade que é dos adultos. Podemos esperar por mais dados e eventualmente só vacinar quando se provar que é útil", defende.

Também o pediatra João Farela Neves afirma que "a vacina é segura". Fica a questão da vantagem. "Podemos analisar essa questão sob vários prismas. Os estudos demonstram que o risco-benefício vai a favor da vacinação para evitar algumas das poucas hospitalizações contra poucos efeitos adversos graves. Apesar de a vacina não evitar a transmissão de doença, diminui bastante e isso é importante porque vai diminuir a carga de doença nas escolas e na comunidade. Por outro lado, não nos podemos esquecer que o facto de as crianças estarem vacinadas modifica a definição de risco", diz o director de pediatria do Hospital da Luz.

"Uma criança que esteja vacinada que tenha um contacto com um caso dentro de uma sala de aula passa a ser considerada um contacto de baixo risco e não vai para casa. Quando nós falamos de saúde falamos de saúde física, social, educacional e psicológica. Não podemos submeter mais um ano destas dificuldades às crianças, na minha opinião", refere.



A vacinação das crianças não é consensual entre os médicos